

**Numero de inscrição**

2025448321

**Instituição**

Federacao das Organizacoes Indigenas do Rio Negro

**Título da tecnologia**

Centro De Aprendizagem Indígena Do Rio Negro

**Título da Tecnologia Social**

CENTRO DE APRENDIZAGEM INDÍGENA DO RIO NEGRO

**Nome da instituição proponente**

Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN

**CNPJ da instituição proponente**

05.543.350/0001-18

**Endereço da instituição proponente**

Av. Álvaro Maia, 79 - Centro - Cep: 69750-000 São Gabriel da Cachoeira - AM - Brasil.

**Contatos da instituição proponente**

E-mail: foirn@foirn.org.br

Site: foirn.org.br

Fone: (92) 3471-1001//1632

**Dados do representante legal da instituição**

- Diretor Presidente da FOIRN- Dario Emílio Casimiro
- CPF: 846.875.842-60 / RG: 1890586-2/ SSP
- E-mail: dariobaniwa@foirn.org.br
- Fone: (97) 8418-5385

**Dado(s) do(s) responsável(is) pela Tecnologia Social**

- Dr. Luiz Carlos Pereira da Silva - Professor Titular da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.
- CPF: 451.386.211-49
- Fone: (19) 99781-8353
- E-mail: lui@unicamp.br
- Dra Danúsia Arantes Ferreira - Pesquisadora Colaboradora da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.
- CPF: 644094571-87
- Fone: (62) 999810622
- E-mail: drasol@unicamp.br
- Arlindo Alemão Gregório (Arlindo Baré) - Graduando em Engenharia Elétrica da Faculdade De Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.
- CPF: 70717087-04
- Fone: (92) 981396322
- E-mail: arlindobare@gmail.com

**Resumo da Iniciativa - até 700 caracteres**

Tecnologia Social liderada pela parceria UNICAMP-FOIRN para enfrentar a pobreza energética na região do Rio Negro por meio de um Centro de Aprendizagem Indígena: formação prática de agentes locais em sistemas fotovoltaicos (on-grid/off-grid) integrados à ciência e governança indígena. O Centro reduz

dependência de diesel, aumenta autonomia e cria capacidade comunitária para operar e manter soluções. Já mobilizou doação de R\$ 200 mil com a ANABB e capacitou a 1ª turma com 42 participantes (manutenção, gestão e monitoramento), sendo 28,5% mulheres. Modelo reaplicável via metodologia intercultural, materiais didáticos e rede FOIRN (90 organizações/750 comunidades).

### **Situação Problema - até 1.200 caracteres**

Apesar de avanços históricos em políticas de acesso à energia elétrica em territórios remotos (ex: Luz para Todos), o acesso por si só, seja por geração a diesel ou por sistemas fotovoltaicos, não garante capacidade local para operação, manutenção e gestão do sistema. Na prática, a ausência de educação/capacitação e de arranjos comunitários de governança tende a produzir: (i) riscos de acidentes (instalações improvisadas, manuseio inadequado), (ii) quebras recorrentes e indisponibilidade por falta de manutenção e reposição, (iii) redução da vida útil dos ativos por operação fora de especificação, e (iv) custos crescentes para O&M (logística, contratos, deslocamentos), pressionando o orçamento público e destas comunidades. O resultado frequente, no médio e longo prazo, é a descontinuidade do serviço, com sistemas “abandonados” ou subutilizados, comprometendo qualidade de vida e serviços críticos (água, refrigeração de alimentos/medicamentos, iluminação e atividades educacionais). Essa leitura do problema é coerente com a exigência do prêmio de demonstrar compreensão do problema e seus impactos na vida do público participante, com dados e evidências do território de atuação.

### **Histórico da instituição proponente - até 2.500 caracteres**

A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) é uma associação civil sem fins lucrativos, sem vinculação partidária ou religiosa, fundada em 30 de abril de 1987. Reúne 92 associações indígenas de base que representam cerca de 750 comunidades e sítios, em uma área de abrangência de aproximadamente 13 milhões de km<sup>2</sup>, onde vivem mais de 35 mil indígenas de 23 grupos étnicos, das famílias linguísticas Aruak, Nadëhup, Yanomami e Tukano Oriental. Ao longo de sua trajetória, a FOIRN realizou assembleias de destaque, contribuiu para a demarcação das Terras Indígenas do Rio Negro e implementou projetos com as associações de base voltados à sustentabilidade comunitária (piscicultura, avicultura, artesanato, entre outros). Também impulsionou inovações na educação escolar indígena, com experiências de escolas piloto como a Baniwa e a Tuyuka, e coordenou, junto à FUNASA, o atendimento à saúde dos povos do Rio Negro, influenciando a criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas no Brasil.

Sua sede fica em São Gabriel da Cachoeira, a cerca de 800 km de Manaus, funcionando como escritório (com cerca de 40 funcionários), centro de encontros e núcleo de apoio logístico. Na sede está a central de radiofonia do movimento indígena, com mais de 262 estações nas aldeias, e a Casa do Saber (“Maloca da FOIRN”), espaço cultural para reuniões, seminários, assembleias e celebrações.

Entre 2015 e 2020, a FOIRN elaborou 10 Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs), com informações detalhadas do território e reivindicações locais. Em 2022, foi aprovado, em assembleias regionais e geral, o Protocolo de Consulta dos Povos e Comunidades Indígenas do Rio Negro, pactuado pelas Coordenadorias regionais e validado no conjunto, valorizando especificidades locais e a unidade territorial.

A missão da FOIRN é defender os direitos dos povos indígenas da bacia do Rio Negro (Amazonas, Brasil). A organização é referência para a representação das comunidades das 9 Terras Indígenas e atua como núcleo de mobilização em gestão territorial e manejo, produção indígena, comunicação e pesquisas interculturais, enfrentando ameaças como mineração, contrabando, tráfico de drogas e a fragilidade de estruturas públicas de saúde, educação, fiscalização e direitos sociais, contribuindo para salvaguardar a floresta e seus povos no noroeste amazônico.

### **Contribuição da iniciativa para solução do desafio - até 2000 caracteres**

A iniciativa enfrenta a pobreza energética na raiz ao transformar acesso à energia em serviço energético sustentável, por três frentes integradas. (1) Soberania e autonomia energética, substitui geradores a diesel por sistemas solares fotovoltaicos, reduzindo a dependência financeira e logística do combustível, que pode custar até o triplo nas aldeias, e liberando recursos para outras necessidades básicas. (2) Serviços essenciais e bioeconomia, energia estável e limpa viabiliza conservação de vacinas e alimentos, tratamento de água e conectividade, além de fornecer o insumo para fortalecer cadeias produtivas locais, gerando renda com proteção territorial. (3) Transferência de tecnologia social, a solução não é entregue como pacote fechado, o núcleo é a formação prática para operação, manutenção e uso seguro, formando indígenas como gestores da própria infraestrutura e reduzindo o risco de abandono dos sistemas.

Para evitar rejeição e obsolescência, frequentes em introduções externas de tecnologia, o modelo foi adaptado em três eixos: (i) diálogo intercultural, com Ciência Indígena e princípios do Bem Viver em pé de igualdade com o conhecimento técnico do CPTEn/UNICAMP; (ii) aplicação da Metodologia Intercultural e da Ação Interdisciplinar (MAI), que organiza governança e aprendizagem pela pedagogia da cooperação, conectando energia a saúde, educação e decisões comunitárias; e (iii) alinhamento aos PGTAs e à governança das cinco coordenadorias do Rio Negro, garantindo legitimidade, prevenindo conflitos socioambientais e posicionando a iniciativa como instrumento de política territorial e reaplicação.

### **Objetivos da iniciativa - até 1.000 caracteres**

Objetivo geral: promover autonomia energética e sustentabilidade socioambiental no Rio Negro por meio do Centro de Aprendizagem Indígena, integrando Ciência Indígena, MAI e sistemas fotovoltaicos para formar gestores locais, reduzir diesel e viabilizar serviços essenciais e bioeconomia.

Objetivos específicos: (1) alinhar a iniciativa aos PGTAs e à governança das cinco coordenadorias.

(2) implantar e operar, na Maloca da FOIRN, laboratório fotovoltaico com padrões de segurança e rotinas de operação e manutenção.

(3) formar e certificar agentes de energia com equidade de gênero e rede de multiplicadores.

(4) executar monitoramento e acompanhamento com registros e checklists, medindo disponibilidade, diesel evitado e autonomia de manutenção.

(5) energizar usos finais prioritários (água, refrigeração, iluminação e conectividade) e apoiar iniciativas de bioeconomia.

(6) sistematizar o passo a passo e materiais interculturais para reaplicação e escala.

### **Descrição da iniciativa - até 5.000 caracteres**

A implementação do Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro configura uma Tecnologia Social orientada à resolutividade da pobreza energética, com foco na continuidade do serviço energético, na redução de custos e riscos operacionais, e na geração de impactos socioambientais duradouros. A iniciativa parte do princípio de que acesso à energia não se sustenta apenas com a entrega de equipamentos. É necessário formar pessoas, estruturar governança local, padronizar rotinas de operação e manutenção e integrar a energia a usos finais que elevem qualidade de vida (água, refrigeração, iluminação, conectividade, educação e apoio à bioeconomia). Nesse sentido, a Metodologia Intercultural e a Ação Interdisciplinar (MAI) atua como eixo organizador, criando pontes entre conhecimentos acadêmico e tradicional, científico e espiritual, sem hierarquização, e traduzindo essas convergências em procedimentos práticos, replicáveis e verificáveis.

A metodologia e o procedimento se estruturam pela integração entre academia (CPTEn, Unicamp), governança indígena (FOIRN) e território (cinco coordenadorias e PGTAs), com um processo cíclico e dialógico organizado em quatro fases, cada uma com entregas objetivas e evidências registráveis.

Fase 1, pactuação e alinhamento político territorial. Esta etapa assegura legitimidade, aderência aos PGTAs e redução de risco de rejeição. Inclui imersão e escuta ativa com as cinco coordenadorias, definição compartilhada de prioridades de usos finais (saúde, educação, água, bioeconomia) e critérios para seleção de participantes. Como entrega, produz pactuação de escopo, cronograma e responsabilidades, além da institucionalização da Casa do Saber (Maloca da FOIRN) como sede técnica e política do Centro e espaço deliberativo de acompanhamento.

Fase 2, convergência epistêmica e design intercultural (MAI). Nesta fase, a MAI operacionaliza a convergência entre Engenharia e Ciência Indígena por meio de oficinas de gestão do conhecimento, que traduzem conceitos técnicos para a cosmovisão local e incorporam princípios do Bem Viver ao desenho do processo formativo. São desenvolvidos materiais didáticos interculturais (linguagem acessível, adequação cultural, incentivo à equidade de gênero), além do desenho técnico dos sistemas que compõem o laboratório formativo. As entregas incluem guias de aprendizagem, procedimentos de segurança e planos de instalação orientados à manutenção e à vida útil dos equipamentos.

Fase 3, implantação técnica e formação de multiplicadores. Esta é a etapa de execução prática, em que o Centro se materializa como infraestrutura e como rede de pessoas capacitadas. São instalados, na Maloca da FOIRN, sistemas fotovoltaicos nos arranjos on grid e off grid, com padrões de segurança, documentação e rotinas de operação e manutenção. Em paralelo, ocorre o ciclo de formação inicial e continuada, centrado em montagem, diagnóstico, manutenção preventiva, gestão do sistema e uso seguro, com certificação e registro de evidências (listas de presença, checklists, registros fotográficos e memória técnica). A seleção de multiplicadores, homens e mulheres, garante a escala territorial do projeto por meio de replicações em comunidades, escolas e instalações locais.

Fase 4, consolidação de usos finais, bioeconomia e monitoramento. A energia é conectada a projetos piloto que demonstrem valor social e econômico, como refrigeração para saúde e alimentos, bombeamento e tratamento de água, iluminação e suporte a atividades educacionais e produtivas. A efetividade da Tecnologia Social é validada por acompanhamento com indicadores e evidências, incluindo economia de diesel, disponibilidade do serviço, autonomia de manutenção e impactos nos usos finais priorizados. O plano de replicabilidade consolida o passo a passo e os instrumentos de gestão, permitindo reaplicação em outros territórios indígenas, com adaptação cultural e territorial.

A execução já foi viabilizada por parcerias estratégicas, que demonstram capacidade de implementação e sustentabilidade: a FOIRN assegura governança, articulação territorial e alinhamento aos PGTAs; o Instituto ANABB aportou R\$ 200 mil para aquisição de equipamentos, infraestrutura e capacitação da primeira turma (42 indígenas das cinco coordenadorias); e o Instituto Vidas da Amazônia aportou R\$ 70 mil e executou a montagem técnica dos sistemas, incluindo adequações de infraestrutura, com experiência prévia em projetos solares em territórios indígenas. Esses elementos reforçam a abrangência do projeto e respondem, de forma direta, aos critérios de avaliação do edital, ao evidenciar entendimento do problema, qualidade da intervenção, interação comunitária, sistematização replicável, capacidade de execução e inovação social baseada em governança, formação e continuidade do serviço energético.

### **Interação com a Comunidade - até 2.000 caracteres**

A interação com a comunidade é o eixo estruturante do Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro e atende ao que o edital valoriza no Desafio, isto é, participação efetiva, protagonismo comunitário, corresponsabilização e evidências do processo de cocriação.

Em vez de uma consulta pontual, a comunidade participa de todo o ciclo decisório, desde a definição do problema e das prioridades de uso final (saúde, educação, água, conectividade e bioeconomia) até a validação das soluções técnicas, o acompanhamento e a replicação.

A governança é exercida por instâncias legítimas do território. As decisões são alinhadas aos Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) e às cinco coordenadorias da FOIRN, garantindo aderência a prioridades políticas e ambientais já pactuadas. A Casa do Saber (Maloca da FOIRN) opera como espaço deliberativo para reuniões, pactuação de objetivos, seleção de participantes, validação da finalidade social de cada aplicação e definição de responsabilidades locais de operação e manutenção. Esse arranjo reduz risco de rejeição, evita intervenções isoladas e assegura legitimidade para expansão.

A universidade atua como suporte técnico e metodológico, e a ponte intercultural é fortalecida pela participação de estudantes indígenas da Unicamp, que trazem demandas reais do território para o processo formativo e devolvem conhecimento técnico em linguagem e práticas apropriadas. A liderança indígena de referência no projeto (Arlindo Baré, idealizador do embrião Sollar Rio Negro) assume papel de gestão do conhecimento, articulando mentoria acadêmica, princípios do Bem Viver e decisões comunitárias, para que a tecnologia não seja imposta, mas construída com o território.

A MAI organiza o fluxo de trabalho e a aprendizagem cooperativa, definindo rotinas e instrumentos que o edital espera ver como evidência de interação e sistematização, por exemplo, agendas de encontros, registros fotográficos, listas de presença, checklists de segurança e de operação e manutenção, devolutivas e ajustes após cada ciclo de formação.

A interação também incorpora equidade de gênero na mobilização e na formação, fortalecendo a rede de multiplicadores e a capacidade de replicação em comunidades, escolas e instalações locais, com autonomia e continuidade do serviço energético.

## **Estratégia de Continuidade das Ações - até 2.000 caracteres**

Para assegurar a continuidade do Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro, a iniciativa foi desenhada para atender ao que o edital exige de projetos sustentáveis, isto é, capacidade de permanência, apropriação comunitária, governança, monitoramento de resultados e replicabilidade. A estratégia se apoia em quatro frentes complementares.

Primeiro, a iniciativa é institucionalizada como Tecnologia Social, não como simples entrega de equipamentos. O conhecimento, o passo a passo e os materiais formativos da Metodologia Intercultural e da Ação Interdisciplinar (MAI) são sistematizados para permanecer com o território, permitindo atualização contínua do currículo com base na Ciência Indígena e nas demandas reais das comunidades.

Segundo, a Casa do Saber (Maloca da FOIRN) funciona como hub permanente, com infraestrutura, rotinas e calendário de formação inicial e continuada. Isso reduz a dependência de técnicos externos, consolida a prática local de operação e manutenção e cria um espaço estável de pactuação, formação e devolutivas com as coordenadorias.

Terceiro, a continuidade é sustentada por capital humano local e governança. A formação de Agentes de Energia e multiplicadores, com atenção à equidade de gênero, garante capilaridade e reposição geracional. A governança territorial, alinhada aos PGTAs e às instâncias legítimas da FOIRN, define prioridades, responsabilidades e regras de uso, além de organizar o acionamento de suporte e a gestão de conflitos.

Quarto, a sustentabilidade operacional é assegurada por monitoramento e parcerias. O Centro adota checklists, registros e indicadores para acompanhar disponibilidade do sistema, diesel evitado, autonomia de manutenção e usos finais atendidos (água, refrigeração, iluminação, conectividade e bioeconomia). Esses resultados orientam ajustes técnicos e pedagógicos e subsidiam captação contínua com universidade, editais de P&D e organizações parceiras. Por fim, a iniciativa consolida um plano de replicabilidade para expansão às cinco coordenadorias e a outros territórios, fortalecendo sua vocação de referência para políticas públicas interculturais de eletrificação remota.

## **Resultados Alcançados - até 2.500 caracteres**

A iniciativa alcançou, como resultado inicial e verificável, a realização da primeira turma de formação do Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro, com 42 participantes, sendo 12 mulheres indígenas, 29 homens indígenas e 1 participante não indígena indicado pelas lideranças da FOIRN. Este resultado reforça o protagonismo comunitário e contribui para as bonificações do edital relacionadas a povos tradicionais e igualdade de gênero, ao registrar participação feminina e estrutura de formação orientada à equidade, com evidências auditáveis (listas de presença, registros fotográficos, memória de atividades e certificação quando aplicável).

Além do número de participantes, o principal ganho foi a formação prática orientada à autonomia. A capacitação priorizou operação segura, manutenção preventiva, diagnóstico de falhas e gestão do sistema, com foco em reduzir a dependência de técnicos externos, diminuir riscos de acidentes e evitar o abandono de sistemas energéticos no médio e longo prazo. Como evidência de apropriação e reaplicação, parte dos(as) participantes já atua como multiplicadores, replicando rotinas de uso seguro e manutenção em comunidades, escolas e instalações locais, ampliando o alcance territorial por meio das coordenadorias e conforme as prioridades pactuadas nos PGTAs.

Em termos de institucionalização, avançou-se na estruturação do Centro de Aprendizagem Indígena para a Transição Energética Justa, sediado na Casa do Saber (Maloca da FOIRN), em São Gabriel da Cachoeira (AM), consolidando um hub permanente para pactuação comunitária, formação inicial e continuada e demonstração tecnológica. Esta etapa também foi viabilizada por parcerias que demonstram capacidade de execução e sustentabilidade: a FOIRN assegura governança e alinhamento territorial; o Instituto

ANABB aportou R\$ 200 mil para aquisição de equipamentos, infraestrutura e formação; e o Instituto Vidas da Amazônia aportou R\$ 70 mil e executou a montagem técnica do laboratório fotovoltaico com arranjos on-grid e off-grid, incluindo adequações de infraestrutura na Maloca.

Como próximos marcos já planejados, a fase em curso prevê capacitar mais 30 indígenas até o encerramento do ciclo e consolidar o laboratório on-grid e off-grid como ambiente formativo contínuo, com acompanhamento por registros e instrumentos padronizados (checklists, registros fotográficos e evidências de replicação). A iniciativa também estruturará indicadores para mensurar continuidade e impacto, incluindo, por exemplo, número de agentes formados (com recorte de gênero), número de replicações locais, disponibilidade do serviço energético, autonomia de manutenção e redução do uso de diesel, fortalecendo a aderência aos critérios de avaliação do edital (entendimento do problema, qualidade da intervenção, interação comunitária, sistematização replicável e inovação social).

### **Local(is) de implantação e público atendido pela iniciativa**

A iniciativa é implantada no território indígena do Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), tendo como sede operacional e formativa a Casa do Saber (Maloca da FOIRN), que funciona como hub permanente para pactuação, formação prática, demonstração tecnológica e acompanhamento. A partir dessa base, o modelo é replicado por meio das cinco coordenadorias da FOIRN, alcançando comunidades e sítios distribuídos nas Terras Indígenas do Rio Negro, conforme prioridades definidas nos PGTAs e nas instâncias legítimas de governança territorial.

O público atendido é composto por povos indígenas do território do Rio Negro, abrangendo cerca de 23 etnias, com foco em jovens, lideranças comunitárias e pessoas indicadas pelas coordenadorias para atuar como Agentes de Energia e multiplicadores locais. A iniciativa já realizou uma turma piloto com 42 indígenas capacitados, com participação feminina registrada e em expansão. Na fase atual do projeto, a meta é capacitar mais 30 indígenas até o encerramento do ciclo, formando uma rede ampliada de multiplicadores(as) para replicação em comunidades, escolas e instalações locais, com atenção à equidade de gênero e à adequação intercultural.

A metodologia combina pesquisa-ação e formação aplicada, estruturada pela Metodologia Intercultural e Ação Interdisciplinar (MAI), articulando universidade (CPTEn, Unicamp) e governança indígena (FOIRN) para garantir que a tecnologia não seja apenas instalada, mas operada e mantida com autonomia local. As atividades incluem diagnóstico participativo de usos finais prioritários (água, refrigeração, iluminação, conectividade e suporte à bioeconomia), implantação do laboratório fotovoltaico on grid e off grid na Maloca, formação inicial e continuada em segurança, operação e manutenção, e acompanhamento com registros padronizados (checklists e evidências), visando reduzir dependência de diesel, aumentar disponibilidade do serviço e sustentar a reimplantação territorial.

### **Valor estimado para implantação da Tecnologia Social**

Para a implantação inicial (piloto) do Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro na Casa do Saber (Maloca da FOIRN), o investimento direto já comprovado no dossiê é de R\$ 200.000, viabilizado pela parceria com a ANABB, com destinação explícita para aquisição de equipamentos e contratações de serviços necessários à etapa de implantação.

Além desse valor financeiro, a implantação contou com aporte técnico-operacional do Instituto Vidas da Amazônia, que aparece no texto como responsável pela instalação da estrutura e montagem necessária para receber os equipamentos e viabilizar a formação na Maloca da FOIRN.

**O custo total estimado da Tecnologia Social “Centro de Aprendizagem Indígena do Rio Negro” para a etapa de reimplantação e consolidação é de até R\$ 1.000.000,00**, considerando que a Tecnologia Social não se limita à instalação fotovoltaica, pois inclui infraestrutura didática, formação intercultural (MAI), governança comunitária, assistência técnica para implantação, e monitoramento por indicadores (marco zero e marco um).

Principais itens de custo que compõem a Tecnologia Social (estimativa)

## **Principais itens de custo que compõem a Tecnologia Social (estimativa)**

1. **Infraestrutura do Centro e laboratório vivo na Maloca FOIRN (investimento) | R\$ 180.000**
2. Inclui a estrutura técnica e didática que sustenta as formações, com sistemas fotovoltaicos demonstrativos **on-grid e off-grid**, adequações elétricas, proteções, instrumentação básica, monitoramento e itens indispensáveis para segurança e aulas práticas (ferramentas, EPI e sinalização). Este item está diretamente ligado à atividade de instalação das unidades experimentais no Centro.
3. **Kits de reimplantação comunitária (investimento) | R\$ 520.000**
4. Inclui a implantação de um conjunto de sistemas fotovoltaicos e componentes associados para **unidades piloto em comunidades selecionadas** (por exemplo, escola, posto de saúde, sistema de água, refrigeração, conectividade), com escopo dimensionado caso a caso conforme o diagnóstico territorial e prioridades pactuadas com a FOIRN. Esse item cobre módulos, inversores/controladores, baterias quando aplicável, estruturas, cabos, quadros, proteção e comissionamento. O objetivo é conectar energia a serviços essenciais e bioeconomia, conforme a lógica do projeto.
5. **Serviços técnicos de implantação, comissionamento e assistência técnica em campo (custeio) | R\$ 140.000**
6. Contratação de equipe dimensionada para **assistência técnica e acompanhamento do projeto**, item permitido pelo Regulamento quando vinculado ao plano de trabalho.
7. Abrange deslocamentos técnicos, visitas de implantação, checklists de entrega, orientação operacional e ajustes, reduzindo o risco de abandono e falhas por ausência de manutenção.
8. **Formação intercultural (MAI) e produção de materiais didáticos (custeio) | R\$ 95.000**
9. Inclui oficinas de gestão do conhecimento, adaptação intercultural, produção de guias (linguagem acessível, adequação cultural e recorte de gênero), custos de facilitação pedagógica e logística de realização das turmas (alimentação local, apoio para encontros, insumos didáticos). Está diretamente conectado às atividades de oficinas, materiais e ciclo de formação inicial e continuada.
10. Viagens para treinamento
11. **Logística amazônica (frete, transporte fluvial/aéreo, armazenamento temporário) (custeio) | R\$ 55.000**
12. Inclui transporte de equipamentos e insumos até São Gabriel da Cachoeira e até comunidades piloto, com embalagem adequada e seguro quando aplicável. Este item é crítico para viabilizar execução no território, sem descaracterizar o foco social da iniciativa.
13. **Monitoramento, métricas e avaliação de resultados (marco zero e marco um) (custeio) | R\$ 40.000**
14. Inclui coleta organizada de evidências e indicadores (registros fotográficos, checklists, relatórios de implantação, consolidação de KPIs operacionais e sociais) e apoio à aplicação das pesquisas de mensuração exigidas (antes do início, marco zero, e após relatório final, marco um).
15. **Comunicação, mobilização e solenização (custeio) | R\$ 30.000**
16. Prevê as ações mínimas exigidas no Regulamento para propostas vencedoras, incluindo solenização, marketing e comunicação, com foco em transparência, prestação de contas social e difusão da Tecnologia Social.

**Total estimado (apoio + contrapartida): até R\$ 1.000.000,00.**

**Qual Desafio Fundação BB 40 anos proposto no item 6.4 do regulamento (Igualdade Étnico-Racial, Consumo e Produção Responsáveis, Energia Limpa e Acessível), sua Tecnologia Social pretende atender?**

Energia Limpa e Acessível

**Link do Youtube da iniciativa (opcional)**

<https://www.youtube.com/@foirnrionegroam7392>

<https://youtu.be/Im9cquTrFP4>